

Na política externa, ele não quer parecer antiamericano

Mas o presidente diz haver 'uma vontade no mundo' contra 'a geografia imperial'

BRASÍLIA – O presidente Lula reafirmou ontem sua convicção de que a política externa de seu governo está no caminho certo. E deixou escapar uma preocupação: a de não dar a impressão de estar promovendo uma política anti-americana. “É possível contrapor sem confronto, queremos aproveitar o bom momento que o Brasil vive no mundo para uma relação mais equilibrada entre todos”, disse o presidente, na conversa de quarta-feira à noite. “Tenho a preocupação de mostrar que não estou fazendo uma política anti-americana, mas é fato que há uma vontade no

mundo de impedir o avanço da geografia imperial.”

Sem citar especificamente os Estados Unidos, Lula disse que o Brasil tem compartilhado essa vontade com países como África do Sul, Índia, China e Rússia. O presidente acredita, no entanto, que esse é um desejo de muitos outros países do mundo. “Existe entre nós (estes países) uma química, uma coisa de pele. Estamos na defesa dos mesmos interesses, de um mundo mais justo.”

Dentro do próprio governo foi identificada em janeiro a insatisfação manifestada há alguns meses por fontes do Departamento de Estado dos EUA com “o discurso agressivo” de Lula contra o governo americano, conforme publicou o *Estado*. Daí a iniciativa do próprio presidente Lula de dizer que não quer parecer “antiamericanista”.

Mas, dando seqüência à polêmica agenda da política externa brasileira, o presidente abordou, na conversa com os jornalistas, a situação da Venezuela, garantindo apoio a seu presidente, Hugo Chávez, que está prestes a ser julgado por um plebiscito. “Vamos ajudar o Chávez, o Marco Aurélio (*Garcia*) está lá”, disse ele, referindo-se ao assessor de Assuntos Internacionais da Presidência.

Venezuela – O presidente manifestou ainda, na conversa, uma extrema preocupação com a democracia e a paz na Venezuela. “O plebiscito precisa ser feito dentro das regras democráticas, tem de se garantir a credibilidade da junta eleitoral para que o resultado seja respeitado”, argumentou. “Eu acho que há risco de radicalização, qualquer que seja o resultado”,

afirmou Lula, apelando para que todos os países do continente ajudem na garantia da tranquilidade na Venezuela. “Se as regras democráticas não forem garantidas, haverá radicalização e podemos ter uma guerra.”

Em defesa da integração latino-americana, o presidente disse que nunca os países do continente estiveram tão unidos como agora. Embora reconhecendo que a integração física entre os países do continente enfrenta muitas dificuldades, em razão dos problemas financeiros vividos por praticamente todos os governos da região, o presidente aposta num avanço neste sentido já a partir deste ano. Ele citou,

como exemplo, um grande investimento brasileiro, da ordem de US\$ 2,7 bilhões, que terá financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), para ajudar a Bolívia a exportar seu gás por terras brasileiras.

PRESIDENTE
REITERA
APOIO A
CHÁVEZ

Líbia – Voltando a outra polêmica da sua agenda internacional, Lula falou da viagem que fez à Líbia de Muamar Kadafi.

Agora que outros chefes de Estado estão fazendo contatos com o governo líbio, ele disse que gostaria que os críticos de sua visita se retratassem. “Espero que alguns façam autocritica da critica que me fizeram.” (D.F.)